

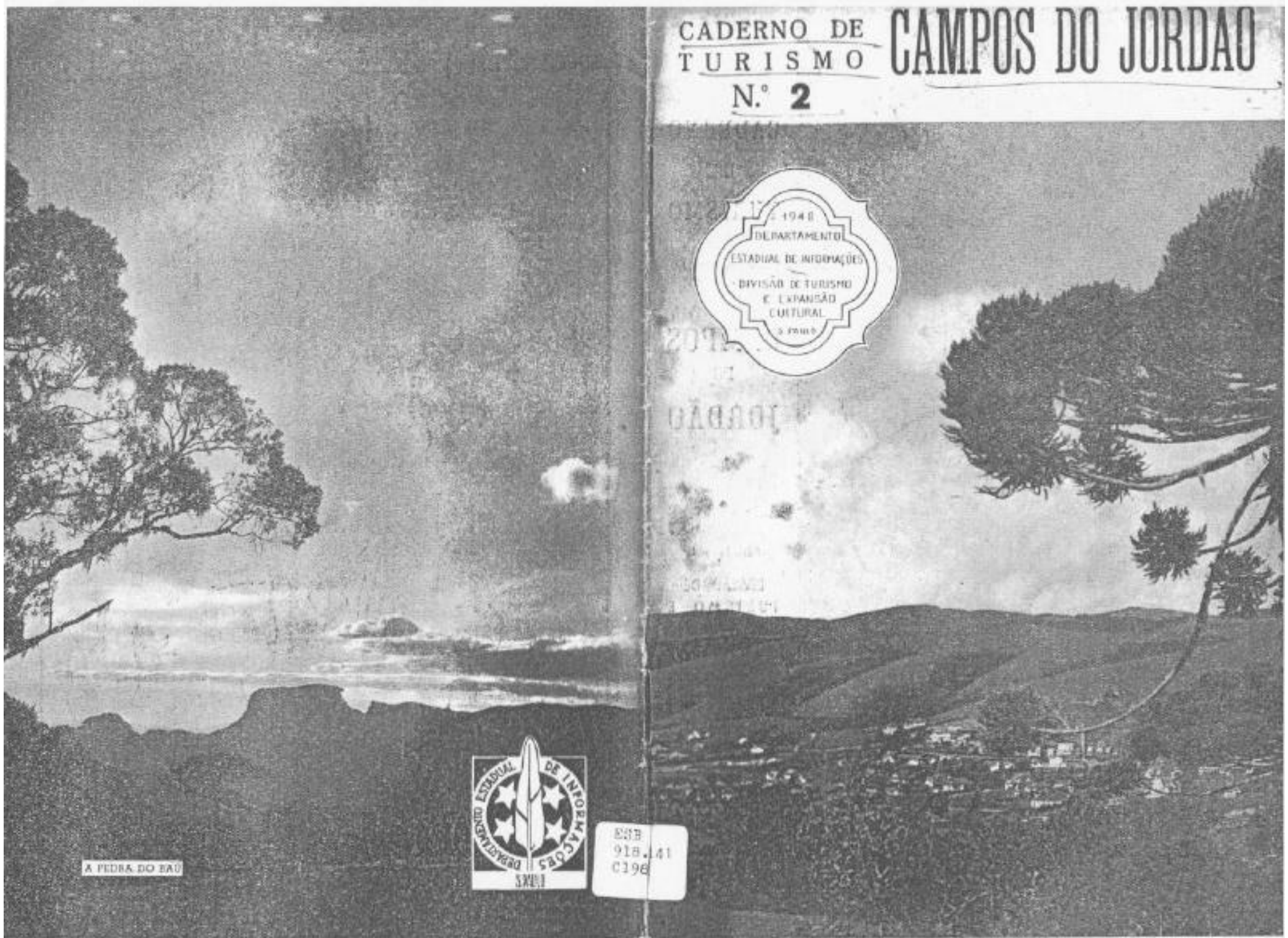
CADERNO DE  
TURISMO CAMPOS DO JORDAO  
N.º 2

1948  
DEPARTAMENTO  
ESTADUAL DE INFORMAÇÕES  
DIVISÃO DE TURISMO  
E EXPANSÃO  
CULTURAL  
S. PAULO



ESP  
918.41  
C198

A PEDRA DO BAU



E-8  
312 111  
-175

CADERNO  
DE  
TURISMO  
N.º 2  
CAMPOS  
DO  
JORDÃO

•

Editado pela  
DIVISÃO DE  
TURISMO E  
EXPANSÃO  
CULTURAL  
DEPARTAMENTO  
ESTADUAL DE  
INFORMAÇÕES

•

R. Antonio de Góes, 122  
2.ª andar - Fone 8-6833  
SÃO PAULO

Dentro do território paulista, encravado na Mantiqueira, a 1.600 metros de altitude média, um traço de terra — cerca de 250 quilômetros quadrados — guarda um dos melhores climas do mundo e encantos paisagísticos e turísticos que o tornam lugar de eleição para a saúde e o repouso. São os Campos do Jordão, cuja "descoberta" e vulgarização, relativamente recentes, constituem obra de alguns homens esclarecidos, dignos porisso da gratidão dos paulistas.

Vale a pena conhecer essa estância climática, indiscutivelmente a primeira do país e que leva, com justiça, o título famoso de "Suíça Brasileira".

De S. Paulo separam-na 225 quilômetros por estrada de ferro e 204 pela rodovia oficial. De Pindamonhangaba (R. F. C. B.), parte a E. F. Campos do Jordão, de propriedade do Estado de S. Paulo, que galga a Mantiqueira num traçado notável. Mas, deixemos para logo adiante, um pormenor mais detalhado da viagem ferroviária. Ela o merece pelo seu pitoresco. Fixemos antes o roteiro rodoviário, mais rápido e procurado.

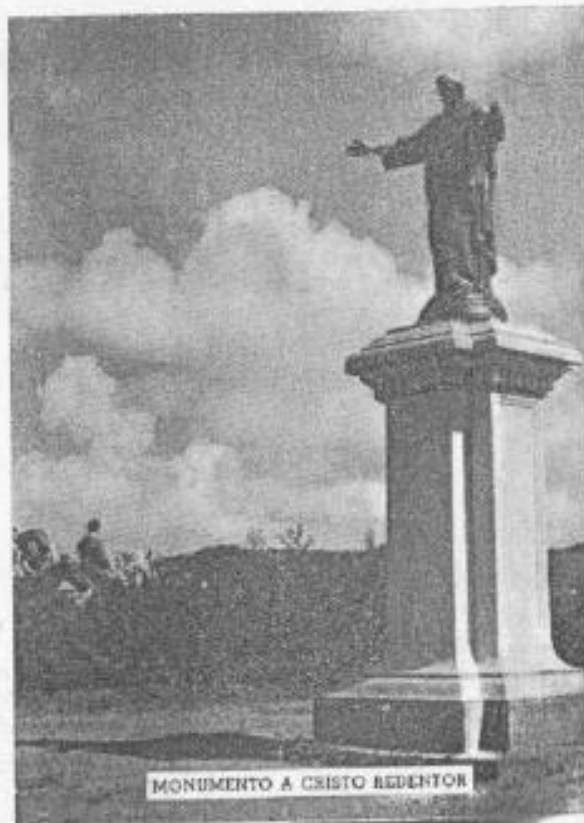
A rodovia S. Paulo-Rio é utilizada no percurso para Campos do Jordão até a altura da cidade de S. José dos Campos, que margela, passando antes por Mogi das Cruzes e Jacareí. Em S. José deixa-se a estrada do Rio para atravessar em linha reta, essa bela cidade, também estância climática, transpôr o Paraíba por Sartana e daí, num salto, alcançar a pacata vila de Buquira, de onde, galgando a Serra, cujos encantos se desdobram pouco a pouco na encalada, chega-se sem grandes esforços nos Campos do Jordão. Há uma linha de ônibus com dois horários de S. Paulo a Campos.

1953

e vice-versa, além de um serviço de automóveis rápidos que atinge até Santos. De Pindamonhangaba parte também uma regular estrada de rodagem

#### E. F. CAMPOS DO JORDÃO

O rápido da Central, que as possantes locomotivas "Diesel-elétricas" disciplinam agora ao horário, deixa-nos em Pindamonhangaba pouco antes do meio dia. Alguns minutos de espera e, às 12 e 25, sai o trem da E. F. Campos do Jordão. Chamam-no, com muita propriedade de "bonde". É realmente um elétrica, confortável e asseado, que nos leva a subir, num caprichoso traçado, até os 1.743 metros que, no Alto do Lageado, assinalam o ponto culminante da ferrovia.



MONUMENTO A CRISTO REDENTOR





CHEFUSCULO

A Estrada iniciou o trafego em 1914 e, dez anos depois, em 1924, foi eletrificada. De início, o "bonde" ataca a planície, uniforme até o sopé da Serra. Uma ponte, obra de arte notável, transpõe o Paraíba, o denominador comum do grande Vale que, desde Guararema, indica o traçado à Central. Um pouco mais, de 15 ou 16 quilômetros de Pindamonhangaba, alcança-se a raiz da Serra. Começa a subida. O horizonte se alarga pouco a pouco. A Mantiqueira, que de longe se afigura um paredão fechado, recortado no céu, vai revelando seus encantos. O trem sobe quase sem ruídos, desvendando panoramas, abismos, culturas. Pindamonhangaba, lá longe, é uma mancha branca. Dez quilômetros mais e é o Alto da Serra, a meio do caminho da escalada.

Está aqui o divisor das águas entre o vale do Piracuanã, tributário do Paraíba,

e o do Sapucaí-Mirim, que vai alcançar o Rio Grande. É tôda uma visão rápida de um dos maiores sistemas hidrográficos do continente — o do Rio da Prata, cujas primeiras águas ali estão no modesto Capivari, pode acudir à imaginação do viajero. Começa-se então, quando o ar já revela as doçuras do clima que as montanhas guardam, a parte mais bela da viagem. A esquerda de quem sobe a Pedra do Baú recorta-se no horizonte. Seras acastelam-se pela frente e aos lados, e — voltando um pouco o olhar — lá em baixo, em larga extensão, o Vale do Paraíba.

Chega-se logo depois no Lagado. A pequena estrada sobiu 1.230 metros, a contar da raiz da Serra. Atinge sua cota máxima, 1.773 metros de altitude e, na frase feliz do saudoso dr. Olimpio Portugal, um dos primeiros vulgarizadores das belezas do local, — "doma e transpõe a montanha".

Ela-nos nos Campos do Jordão.

#### A TERRA

A Mantiqueira alarga-se num planalto ondulado que, seguindo o curso do Sapucaí Mirim, perde-se, em declives suaves, pelos Campos do Serrano e de S. Francisco, Minas a dentro.

As lombas e morros que contornam os vales, são um nada ante a montanha sobre a qual se assentam. O pinheiro ("araucaria brasiliensis"), que desde o meio da viagem já se fazia notar, domina agora a paisagem.

Cessam as subidas íngremes. A estrada, num quase plano, vai terminar em Emilio Ribas, primeiro transpondo a zona sanitaria e depois a sucessão de vilas: Abernêsia, Jaguaribe e Capivari, equidistantes entre si mais ou menos dois quilômetros, que assinala o peculiar panorama urbano dos Campos do Jordão. A "cidade" não se conglomerava. Distende-se, alonga-se, dilui-se enfim na paisagem, repartida, por vezes oculta, como que tirando, inteligentemente, proveito máximo da exuberância do clima.

No Lagado, a estação de Toriba entromestra, com o moderno hotel ali edificado, os primeiros sinais de uma indústria turística promissora. Abernêsia é o centro administrativo. Pouco adiante está o Grande Hotel. Vila Jaguaribe, Emilio Ribas, Capivari, revelam a zona residencial, cheia de viviendas encantadoras e à qual alguns castelos senhoriais dão uma nota aguda de paisagem européia recortada na serra semi-selvagem.

#### O CLIMA

É o clima, indiscutivelmente, o atrativo primacial de Campos do Jordão. A qualificação que se lhe dá de um dos melhores do mundo, não é fruto de nenhum vago ufanismo, mas resultado de rigorosas constatações científicas. A derrubada das matas, e notadamente dos pinheirais, que ameaçava seriamente alterá-lo, foi em boa hora sustida por providências



LAGOINHA



ALTO DO BAÚ



A CHEGADA

enérgicas do Governo do Estado, como a lei 5.944, de 15 de junho de 1933, proibindo o corte de pinheiros. Cuida-se agora de preservar os pinheirais e compensar, por um inteligente reflorestamento, as devastações eremiosas, que duraram décadas sem contudo abater de vez a pujança característica daquela flora — "com o seu quê de flora alpina" — única no Estado.

A Serra, ao contrário do que o seu nome tupi indica (Amantiquira, derivado de amanty ou amandy — chuva e uquiê, dormir, ou seja: Mantiqueira, dormida ou pouso da chuva), apresenta-se ali como fator criador da excelência do clima. Antepara as correntes frias e úmidas do sul, permitindo que nos Campos a altitude em si alie-se à configuração e ao revestimento peculiares do solo, inteiramente enxuto e poupado à umidade própria de semelhantes alturas. Eis porque, asseverava com douda razão o dr. Olímpio Portugal no seu notável estudo, que data de 1916 ("Revista do Brasil" — Ano I, N.º 8 — — Págs.

295-321), "o clima dos Campos do Jordão atende aos dados clássicos de magnífico clima de montanha, equilibrado por fatores excelentes, sem a rudeza de outros de menor altitude e livre das taxas adversas de vento e da umidade, que costumam dominar as alturas". Numa palavra: Todas as vantagens das grandes altitudes, sem os seus defeitos.

#### "ZONA DO FRIO TROPICAL"

Sêco e frio, o clima dos Campos surpreende quem quer que chegue ali pela primeira vez. E os que lutam, todo o ano, com os saltos do clima de S. Paulo, admiram-se não raro, nesta "Zona do Frio Tropical", de, com agasalho mínimo, suportar dois ou três graus apenas acima de zero, com muito maior facilidade que os quinze ou dezessete que o fazem tiritar e encapotar-se na Capital paulista.

Nem mesmo quando a severidade do



CAPIVARI (Vista do Morro do Elefante)



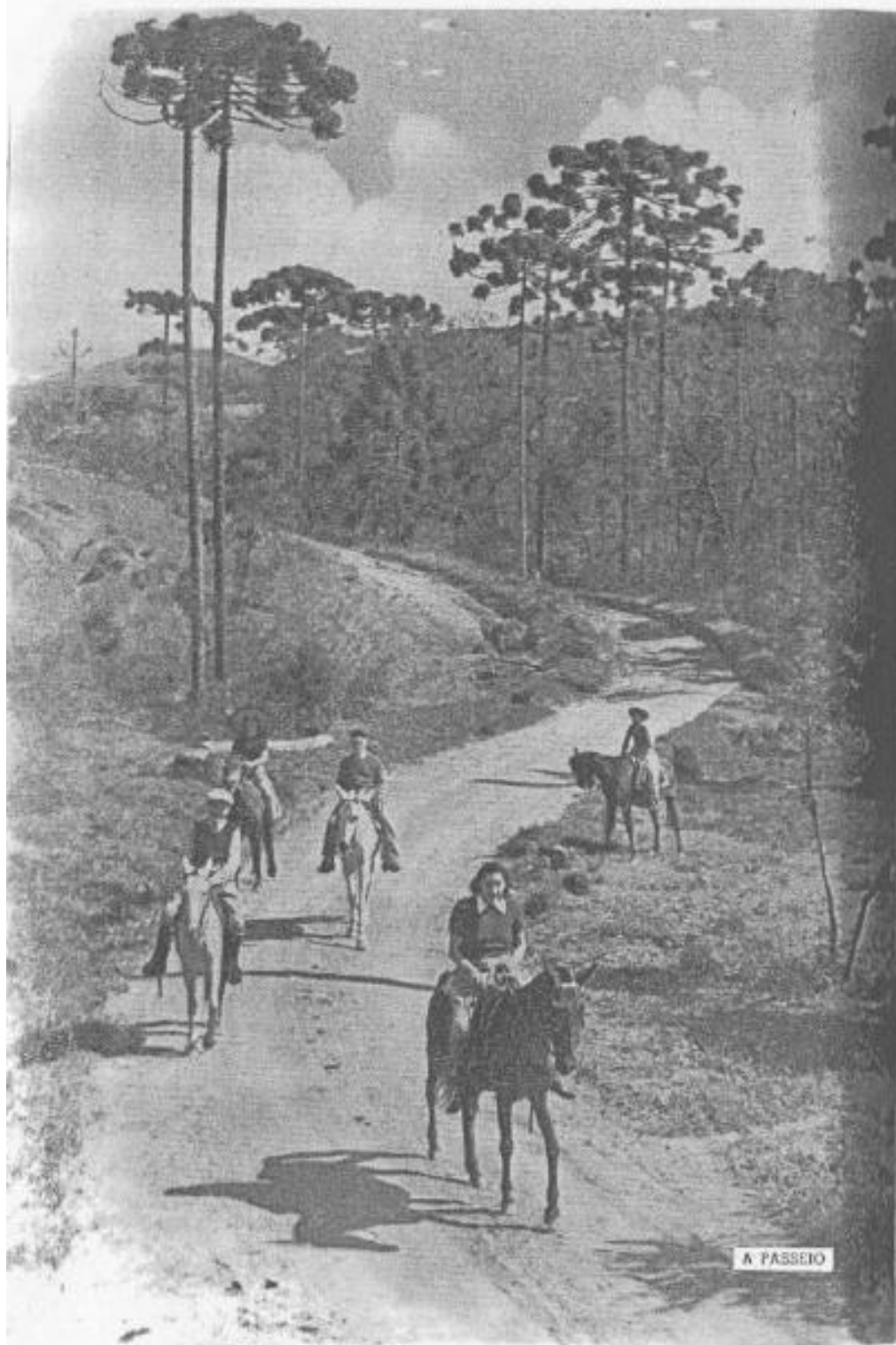
ABERNESSIA

frio leva o termômetro a cair abaixo de zero, e, nas manhãs de inverno, a geada forte dá um tom peculiar aos campos, como se brotasse rente ao chão a florada da primavera, o organismo — impede-o o ar seco — sente-se castigado. Uma atmosfera límpida dá encanto peculiar à paisagem e, nas noites claras, mostra todas as riquezas do céu. A baixa pressão, própria da altitude, é a responsável por êsses novos atributos atmosféricos, a que o sol, mais vivo em luminosidade e calor, oferece um agradável contraste.

A temperatura média anual fixa-se nos 12,8º, registrando-se para o inverno a média mínima de 2,6º e para o verão a média máxima de 21,8º. As taxas de nebulosidade, insolação, gran actinométrico e de precipitação pluviométrica, revelam ao rigor das cons-

tações científicas, atributos excepcionais.

Dai as virtudes sanitárias dos Campos: Todos os fatores se conjugando para dotá-los, rara prenda da natureza, de um clima sem igual. As comparações, por exemplo, já efetuadas entre a estância paulista e suas congêneres dos Alpes, e que se deparam na vasta literatura felicitamente existente sobre Campos do Jordão (veja-se, entre os trabalhos mais recentes, o interessante livro do dr. Mario Sampão Ferraz — "Campos do Jordão" — Edição da Secretaria da Agricultura — 1941, págs. 113-162), demonstram que, no conjunto dos fatores climáticos, a "Suíça Brasileira" as iguais, quando não supera. É o caso da mundialmente afamada Davos-Platz, em plenos Alpes Suíços.



A PASSEIO

#### UM POUCO DE HISTÓRIA

Datam de 1700 as primeiras notícias sobre os Campos do Jordão. All por 1703 ou 1704, Gaspar Vaz, por alcunha Oyaguara (o "Jaguara"), abriu, vendendo a Serra, um caminho de Pindamonhangaba no Sapucaí, mais ou menos pelo atual traçado da ferrovia. Foi por esse caminho, dita Olímpio Portugal, "que entrou a gente e a sisania para a região virgem dos Campos". Realmente, não tardaria que acirradas questões de limites, suscitadas entre o poder público ou entre particulares, viessem perturbar a paz da região, prolongando-se pelos dois séculos de disputas de limites entre Minas e S. Paulo.

O Itigió, sustentado de início (1714), quando era recente a Capitania de S. Paulo e a de Minas não fora ainda criada, entre as comarcas de Guaratinguetá e Rio das Mortes, passou depois para as duas Capitanias, "numa sucessão contínua e viva de victórias, parceres, assentos, avisos régios, que, em certa fase, tanto efervesceu os ânimos a ponto de pôr em armas dois capitães-mores máis impetuosos".

Por determinação real, pouco depois, era fechado o caminho de Gaspar Vaz, a fim de evitar a passagem, por ele, do ouro das minas de Itajubá. Substitui-o a chamada Estrada de Itapeva, que se tornou, por largo tempo, a porta de entrada do miraculoso planalto.

Em meados do século XVIII, Antonio Francisco Pimentel, capitão-mór de Pindamonhangaba, fundou nos Campos do Capivari uma fazenda de criar, à qual abandonou mais tarde, retirando o gado, quando voltou às lhas, sua terra. Surge, então, nimbada pela lenda a figura de Inácio Caetano Vieira de Carvalho, também morador de Pindamo-



LAGOA NA MONTANHA



A HORA DA ESTEA



UM LINDO PASSEIO



nhangaba, que ali por 1771 se instalava nos Campos. Em 1773, alegando que aquelas terras foram largadas por outro morador, por serem muito frias e haver ali muitas onças, requereu e obteve seamaría, que atingia até Itajubá. Deu-lhes o nome de Fazenda Bom Sucesso e mal nelas se instalara e o vemos de peito e alma empoigado na questão de limites.

Atribui-se a essa curiosa figura daqueles idos, origem mineira, do lado do Rio das Mortes. Já um dos seus sócios dos tempos da posse, João da Costa Manços, paulista de Taubaté, tomara na questão dos limites o partido dos mineiros. Foi assim que o mineiro Inácio e o paulista Manços, "torcidos por ventos da sorte", viram-se constringidos a lutar, um e outro, contra as terras de origem.

Morto Inácio Caetano, já no século XIX, seus herdeiros, por escritura pública passada em S. Paulo a 27 de novembro de 1825, venderam ao Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, as terras da Fazenda de Bom Sucesso. Andou a transação por dez contos de réis.

Conta o dr. J. Romero, em seu interessante trabalho — "Campos do Jordão na História e na Legenda" — que Inácio Caetano vivera vinte anos nos Campos, inteiramente sequestrado do mundo, em companhia de seus dois únicos filhos e de alguns escravos. Havendo conseguido avultada fortuna — já aqui se entra no domínio da lenda — conta-se que a enterrou em terras da Fazenda Correntinos, plantando no lugar, para assinalá-lo, três pinheiros



HOTEL RANCHO ALEGRE



REFUGIO ALPINO



GRANDE HOTEL



HOTEL TORIBA



DETALHE DO GRANDE HOTEL



UMUABAMA

simetricamente dispostos e que, ainda hoje, se podem ver a poucas centenas de metros do hotel ali existente com os sinais das frequentes excavações a que, de quando em vez, alguém se abalança à procura da prata e do ouro que para a tradição local a terra ali guarda em arcas recheadas...

De posse dos Campos, o Brigadeiro Jordão — figura histórica de nossa Independência, membro do Governo Provisório de 1822, em companhia do velho Martin Francisco, com ele deposto na "bernarda" de Francisco Inácio — deu à Fazenda o nome de "Natal". Já então o povo denominava o local simplesmente de "Campos" e a sua posse por personagem tão ilustre como aquele integro companheiro da Independência, completou a denominação — Campos do Jordão. Como quer que seja, porém, é Inácio Caetano o seu verdadeiro povoador.

Apenas catorze meses depois da compra, morria o Brigadeiro Jordão. A Fazenda com benfeitorias, escravos e criação, foi então avaliada em vinte contos de réis. Afirma-se que o próprio Brigadeiro não chegou a conhecê-la. O mesmo sucedeu aos seus herdeiros, que pouco a pouco a fragmentaram.

Foi assim que Mateus da Costa Brito pouco mais tarde, adquiriu os terrenos onde está hoje a Vila Jaguaribe, construiu capela e fundava o povoado de S. Mateus do Imbirí. O povoado teve desenvolvimento incipiente e anos deocoreram até que o extraordinário valor do clima fosse observado com interesse, — obra de alguns médicos de Pindamonhangaba que ali fixaram residência. Foram os drs. Emilio Ribas, grande benfeitor da futura Estância, Vitor Godinho e Francisco Godoi, que mais entusiasticamente vulgarizaram a importância dos Campos do Jordão como estação de cura e repouso, abrindo, já neste século, a era auspiciosa de seu conhecimento e procura, cada vez mais justos e intensos.

Em 1905 o dr. Belfort de Mattos, diretor do Serviço Meteorológico do Estado, providenciava a instalação de um posto meteorológico em Vila Jaguaribe, na época o principal povoado da Estância; em 1911, os